

Alternativas para sair da crise

por David Friedlander
de São Paulo

Está difícil imaginar um futuro otimista para o Brasil. O País vive um momento de amplo pessimismo, decorrente dos problemas gerados pela decadência de seu modelo político-econômico. Mas, embora difíceis, as alternativas existem, e só poderão ser alcançadas através de uma radical transformação social, que substitua a concepção arcaica hoje vigente.

Um tanto inquietante, esse cenário foi apresentado por um respeitável grupo de economistas e cientistas políticos, durante debate que procurou detectar as perspectivas do País a longo prazo, realizado quinta-feira na Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap). Desse debate participaram João Manoel Cardoso de Mello e Luiz Gonzaga Belluzzo, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Carlos Estevam Martins, da Universidade de São Paulo; e Sérgio Abranches, assessor especial do governador do Rio, Moreira Franco.

Cardoso de Mello identificou uma sensação de "impotência" imperando no País. "Parece que nossos problemas são irremediáveis. Afundamos num buraco e só conseguimos enxergar o próprio buraco", disse ele, que entende estarem em jogo os traços básicos do capitalismo brasileiro.

Essas características, de acordo com o acadêmico



João Manoel Cardoso de Mello

da Unicamp, estão concentradas em três pontos fundamentais: o desenvolvimento sempre rápido da economia nacional, que permitiu a criação e manutenção de um "condomínio dos interesses dominantes"; um projeto econômico conservador, de características defensivas; e a preservação da ideia de que serão sempre fracassadas as tentativas de transformação nessas duas questões.

"Essas características estiveram presentes durante os cerca de quatrocentos anos do capitalismo brasileiro", disse Carvalho de Mello. "E são difíceis as possibilidades de se romper com tudo isso, porque o conservadorismo no País é muito forte. Ele não vem só dos grandes industriais, mas também dos pequenos e médios empresários."

Ex-assessor do ex-ministro da Fazenda Dilson Funaro, Cardoso de Mello lembrou que a tentativa de reformas promovida pela então equipe econômica do governo, em 1986, durante o Plano Cruzado, sofreu uma derrota provocada em várias frentes. Mencionou, entre outras dificuldades, que as forças que pretendiam mudanças eram minoritárias até mesmo dentro do PMDB, partido ao qual estavam ligadas e que fazia parte do governo. "Mas não foi uma derrota definitiva", salientou. "Se pensarmos dessa forma, estará tudo perdido."

Estevam Martins atribuiu as dificuldades de mudança a uma polarização excessiva nos quadros políticos do País. De um lado, identificou um setor conservador unificado. Do outro, ele vê uma esquerda fragmentada e com reduzida capacidade de mobilização.

"A atuação dos setores mais progressistas ficou muito restrita à luta pela emancipação institucional do País e deixou de lado a busca pela emancipação econômico-social", afirmou Estevam Martins. "A consequência disso é que chegamos à transição política despreparados pa-

ra enfrentar as outras duas questões."

Abranches, por sua vez, lembrou que o País convive com regras estabelecidas, mas desrespeitadas, o que produz omissões, privilégios e uma enorme conveniência, fatores prejudiciais às propostas de mudança. "Não há, também, uma identificação clara de quais são os interesses em jogo, de quem são os adversários", analisou. "Essa indiferença faz com que, por exemplo, o conceito de modernidade dos setores progressistas não seja muito diferente da concepção dos conservadores um pouco mais avançados."